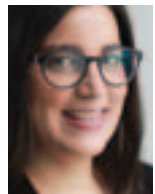


MERCADOS

SESSÃO
DE ABERTURA

Musk fez as pazes com os analistas e as acções sobem



RAQUEL GODINHO
Jornalista

A relação de Elon Musk, presidente executivo da Tesla, com os analistas não tem sido fácil. O maior sinal foi dado na “conference call” da apresentação dos resultados do primeiro trimestre. Em Maio, questionado por Toni Sacconaghi, analista da Sanford C. Bernstein, sobre as margens do Model 3, Musk qualificou a questão de “chata”. E esta situação levou mesmo as acções da empresa a desvalorizarem em bolsa. Mas, esta semana, na “conference call” de apresentação de resultados do segundo trimestre, o presidente da empresa aproveitou a primeira questão colocada por Sacconaghi para lhe pedir desculpa. De acordo com a CNBC, Elon Musk lamentou a sua falta de educação no encontro anterior e afirmou: “Violei as minhas próprias regras a este respeito. Não há desculpa.” Esta atitude acabou por ser algo surpreendente e surge numa altura em que as acções da empresa têm estado sob pressão devido aos receios dos investidores quanto ao estilo de liderança de Elon Musk. Mas, ainda que tenha sido surpreendente, este pedido de desculpa foi bem recebido pelos investidores, com as acções da empresa a dispararem 10% logo na quarta-feira, na negociação “after hours”. Na quinta-feira, subiram mais de 11%. Será sol de pouca dura ou Musk vai moderar o tom? ■

OBRIGAÇÕES

E se a China usar a “bomba atómica” na disputa com os EUA?

Considerada a “bomba atómica”, a China, que é o maior detentor estrangeiro de dívida americana, pode retaliar contra os EUA deixando de comprar ou colocando no mercado quantidades massivas de títulos soberanos do Tesouro americano.

Damir Sagolj / Reuters



Aquando do último encontro entre os dois Presidentes, Donald Trump e Xi Jinping trocaram elogios. Porém, Washington e Pequim vivem conflito aberto.

DAVID SANTIAGO
dsantiago@negocios.pt

Até aqui tem sido olho por olho, dente por dente, na disputa comercial entre a China e os Estados Unidos. Sempre que Donald Trump reforça as tarifas aduaneiras à importação de determinados bens oriundos da China, Xi Jinping responde na mesma moeda, com pro-

porcionalidade. Pequim surge em desvantagem se esta competição se mantiver circunscrita ao nível alfandegário, mas pode ganhar supremacia se alargar o campo de combate.

A troca de ameaças conheceu, estasemana, um novo episódio com Trump a aludir à possibilidade de elevar de 10% para 25% as tarifas aplicadas a bens chineses no valor de 200 mil milhões de dólares. Com um cenário de solução concertada mais distante, Pequim assegura estar pronta para nova escalada no conflito comercial promovido por Washington. Porém, se esta conten-

dida se ficar apenas pela imposição mútua de tarifas agravadas, Pequim sai a perder porque importa apenas 130 mil milhões de dólares de bens americanos e exporta para os EUA 505 mil milhões.

Mas apesar de a espiral retórica só ter tido ainda concretização prática no reforço das taxas alfandegárias, Pequim dispõe de outras armas para retaliar como, por exemplo, tirar partido de ser o maior detentor estrangeiro de títulos soberanos do Tesouro americano (cerca de 1,19 trilhões de dólares). Kristina Hooper, chefe de estratégia da Invesco, defende num artigo da CNBC que “a China tem um arsenal de armas muito

maior do que os EUA” para retaliar, classificando a hipótese de alienação em larga escala de títulos soberanos como a “bomba atómica”.

Entre Março e Maio, a Rússia – detentora de uma quantidade menos relevante de dívida americana – vendeu 84% dos títulos americanos detidos, provocando uma escalada na taxa de juro associada às obrigações do Tesouro dos EUA com prazo a 10 anos que superou, em 18 de Maio, os 3% para tocar em máximos de 2011. Os analistas acreditam que esta foi a resposta do Kremlin às novas sanções impostas a oligarcas próximos do